

Subjetividades em cena no jornalismo biográfico de José Castello

Marta Regina Maia*
Thales Vilela Lelo**

Resumo

Neste artigo, são discutidas as possibilidades que se abrem para a produção de biografias escritas por jornalistas na contemporaneidade. Faz-se um retrospecto conceitual sobre alguns traços que configuram o sujeito na atualidade, assim como as perspectivas de ruptura com um dos cânones jornalísticos: a noção de transmissibilidade impessoal. Essa norma de conduta profissional é ancorada na noção da linguagem como código, sendo o jornalista mero transmissor dos acontecimentos. Como o processo de construção biográfica envolve muitos aspectos, inclusive relações entre espaço e tempo e entre narrativa e memória, faz-se, neste trabalho, a análise de conteúdo sobre a presença autoral do biógrafo-jornalista na construção da obra, com enfoque na narrativa empreendida pelo jornalista e crítico literário José Castello, em sua obra João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo (2006).

Palavras-chave: *Biografias. Jornalismo. Sujeito. Subjetividade.*

* Professora adjunta III do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Atualmente faz Residência pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAFICH-UFMG. Líder do Grupo de Pesquisa “Linguagem, Narrativas, Processos Jornalísticos e Culturais” (CNPq). E-mail: marta@martamaia.pro.br

** Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na linha “Processos Comunicativos e Práticas Sociais”. Graduado em Jornalismo pela UFOP. Integrante do Grupo de Pesquisa “Linguagem, Narrativas, Processos Jornalísticos e Culturais” (CNPq). E-mail: thales.lelo@hotmail.com.

Introdução

“Se Narciso se encontra com Narciso e um deles finge que ao outro admira (para sentir-se admirado), o outro, pela mesma razão, finge também e ambos acreditam na mentira” (GULLAR, 2001, p. 367-368). Essa relação que, no caso do poema, começa no fingimento e acaba em ódio, já que um narcisista não suporta ser rejeitado, indica que muitos encontros ocorrem por esta necessidade de se ver no espelho, de se ver sempre pelo e/ou no outro, dado que a sociedade não é constituída por seres completamente autônomos e independentes. O ser humano vê e é sempre visto pelo outro, o que dificulta qualquer análise que tenha como mote a questão do sujeito.

A afetação que um sujeito proporciona ao outro movimentada as condições da existência humana societária. Na dimensão cotidiana esses encontros podem ou não provocar distensões, entretanto quando eles aparecem estampados nas páginas de livros biográficos, há que se ter uma discussão mais sistematizada sobre o que pode ser lido/observado em sua dimensão materializada pela linguagem.

No jornalismo, muitas vezes, essa relação é desconsiderada em nome de uma pretensa objetividade, que tem como marca indelével e ilusória uma suposta realidade mecânica transposta dos meandros da cotidianidade para os meios convencionais de comunicação. Por intermédio das leis mestras da imparcialidade, o sujeito-repórter se esquivaria e não se perderia nos desvios de rota no território da cidade, traçando um norte seguro de onde iria desbravar, através de seu faro apurado, o fato-tesouro a ser condensado em notícia. Já aqui, pontos problemáticos: primeiro, porque, como ressalta Comolli (2008, p. 173),

um depoimento, uma palavra, um documento e a própria narrativa podem remeter a fatos, a eles se referir e com eles estabelecer relações; contudo, deles se separam por meio de uma elaboração que, ainda que diga respeito ao fato, o reconfigura em formas que não são mais as dele. Nada do mundo nos é acessível sem que os relatos nos transmitam uma versão local, datada, histórica, ideológica.

Através dessa redução e elaboração, que é a própria condição de construção da narrativa, está uma espécie de morte declarada pela escrita, que, para se realizar, necessita de uma perda, a do seu próprio referente – o real. Como Certeau (2000, p. 269), a escrita “precede por abandonos sucessivos dos lugares ocupados, e se articula numa exterioridade que lhe escapa”. Nesse cenário teórico, o jornalista desponta como

interlocutor da sociedade para a sociedade, um mediador entrelaçado numa constelação de sentidos que o ultrapassam, mas que lhe cabe, em diálogo constante com essas diversas narrativas sociais já existentes, efetivar o “assassinato” desse exterior escorregadio, vertendo no papel um acontecimento enquadrado, jornalisticamente, “por meio de uma série de fragmentos, pequenas ‘cenas jornalísticas’, que apontam, no caso da mídia, para a não sujeição da mesma [...] frente às formas e lógicas dos acontecimentos, que lhe seriam anteriores”. (BERGER; TAVARES, 2009, p. 6)

Este enquadramento, verificável nas produções jornalísticas, precisa ser questionado quando o que está em foco é a produção de biografias por jornalistas. Se os limites do fazer profissional permeiam esse tipo de produção intelectual, o que pode surgir é a opacidade do sujeito e do real, que deixariam de ser constituídos da complexidade e das incertezas. Refletir sobre o método adotado para a consecução de uma biografia não é só destrinchar os caminhos seguidos por quem escreve, mas, também, como pensava Jean-Paul Sartre (1983 *apud* DOSSE, 2009), pensar sobre si mesmo, pois, ao escrever sobre o outro, o biógrafo acaba falando de si mesmo, afinal é um sujeito “contando” a vida de outro sujeito; o biográfico ligando-se ao autobiográfico.

Nesse sentido, apresenta-se, então um retrospecto conceitual sobre alguns traços que configuram o sujeito na contemporaneidade e as possibilidades que se abrem para a produção de biografias produzidas por jornalistas, assim como as perspectivas de ruptura com alguns dos cânones jornalísticos como a noção de transmissibilidade impessoal¹. Como o processo de construção biográfica envolve muitos aspectos, inclusive relações entre espaço e tempo, faz-se, neste trabalho, a análise de conteúdo sobre a presença autoral do biógrafo-jornalista na construção da obra, com enfoque na narrativa empreendida pelo jornalista e crítico literário José Castello, em sua obra *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo* (2006).

Percursos teóricos sobre o sujeito

Para esquadrihar algumas das linhas de compreensão sobre as potencialidades biográficas, mister afinar as lentes para interações desse quadro com as perspectivas teóricas sobre os sujeitos em sua dimensão relacional e os modos como tais relações são analisadas em distintos momentos teóricos – momentos que potencialmente influenciam o entendimento das capacidades comportadas por essas narrativas.

1 A noção de que a linguagem seria um simples código e que o jornalista seria simplesmente um transmissor dos acontecimentos.

Iniciando este breve percurso, é fundamental apresentar o posicionamento de Bourdieu (2006), que, ao tecer uma crítica a ideia de história de vida como sucessão de acontecimentos contínuos de um sujeito com nome próprio, metaforiza sua ponderação epistemológica por intermédio da alegoria do metrô. Para o autor,

tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 2006, p. 189-190)

Nessa conjectura de fundamentação estruturalista, impera a visão de sujeito como agente de um mundo social determinado por mecanismos de coerção e estruturação construídos por meio de esquemas de ação, chamados por Bourdieu de *habitus*. Assim, Dosse (2009, p. 209) resgata esse raciocínio ao afirmar que, “segundo Bourdieu, o sujeito é uma entidade não pertinente, tanto quanto a sucessão dos acontecimentos; portanto, com base nos critérios ‘científicos’ definidos por ele, o processo histórico fica totalmente invalidado em termos de pertinência”.

Ainda nessa abordagem, porém, o sujeito jaz nas amarras do poder das construções simbólicas instituídas, e a compreensibilidade da identidade pessoal não faz sentido em face de um sistema que dita os nortes de atuação das coletividades. Mattelart, A. e Mattelart, M. (2004, p. 104) assinalam que, “na abordagem estrutural, o desejo de acabar com a obsessão das ciências psicológicas em relação a um sujeito isolado de qualquer estrutura ou qualquer dispositivo social havia se traduzido em um afastamento do sujeito”. Os autores discutem ainda o renascimento do sujeito em face da crise do pensamento crítico e aos elos que este propunha entre intelectuais e sociedade na história moderna do pensamento e cultura ocidentais, onde se percebe que “em reação a uma demasiada estrita perda de si no coletivo, as culturas da subjetividade, impelidas até o narcisismo, reaparecem de maneira florescente”. (MATTELART, A.; MATTELART, M., 2004, p. 167)

A abordagem histórica auxilia a reflexão sobre o assunto. Bauman (1999) situa dois períodos históricos significativos que para ele indicam os contornos e reconfigurações do sujeito no seio das interações com os organismos instituídos. No primeiro deles, o da chamada modernidade sólida, o projeto moderno racionalizava e ordenava tecnicamente Por

meio do Estado-Nação um caminho no qual a massa cinzenta de indivíduos se nortearia. Nesse modelo, calcado pelo adiamento sucessivo das satisfações pessoais em prol do progresso coletivo, as ambivalências deveriam ser eliminadas mediante a distinção identitária entre os “de dentro” e os “de fora”. O sociólogo, então, aponta que esse projeto se desgasta à medida que seus fins racionais se voltam contra as próprias pretensões.

A decadência dessa fase sólida, destravada nos campos de concentração e na tragédia nuclear, é o terreno propício para o que o autor denomina “modernidade líquida ou pós-modernidade”. A crise do ideal do progresso desencadeia uma projeção de individualidade em massa, debruçada na satisfação momentânea. O sujeito pós-moderno em Bauman é diagnosticado como inseguro, desamparado e amedrontado pelos fluxos globais. A comunidade é tornada um mito e vista com desconfiança, e todas as formas de sociabilidade que pressupõem dependência são desviadas dos rumos necessariamente individualistas da existência. Esse egocentrismo também é sondado por Sibília (2008) ao falar sobre a “função-autor” na atualidade. A autora assinala o “valor de obra” exaltado em produtos ficcionais pré-modernos e seu emprego como propiciadoras de discussões sobre a realidade cotidiana, em detrimento da figura do autor que seria um veículo para o escoamento da narrativa. Em oposição a esse esqueleto, solda-se a plataforma da “personalidade alterdirigida” contemporânea, modelada para “fora de si”, visando à exposição e construção por meio de olhares alheios em um mundo saturado de estímulos visuais. Nesse ambiente propício, a figura do autorsobressai, extraindo a essência da aura para seu magma, e a morte do narrador *benjaminiano* é professada. Assim, “a realidade começa impor suas próprias exigências: para ser percebida como plenamente real, deverá ser intensificada e ficcionalizada com recursos midiáticos”, pulverizando fragmentos da “vida real do artista. Ou então desse *eu* qualquer que fala, que se narra e se mostra por toda a parte”. (SIBÍLIA, 2008, p. 198)

Sibília (2008) também partilha o “medo da solidão” pregado por Bauman em sua “pós-modernidade”, afirmando que a construção de si como personagem visível denotaria implicitamente um pavor de estar só. Porém, para a autora, as subjetividades edificadas no íntimo contato com os *media* escancaram uma dependência do olhar do outro, ancoradas pela carência das sustentações que asseguravam o eu moderno.

Maffesoli (2001) colore esta discussão ao entremear o nomadismo como elemento fundador dos desejos humanos. Mais do que reter os desejos de contato com outro e de expressão da individualidade, as sólidas

e pesadas instituições cerceariam a realização de um devaneio essencial da humanidade. Assim, essa aventura permanente propiciada pela figura do nômade “é a expressão de um sonho imemorial que o embrutecimento do que está instituído, o cinismo econômico, a reificação social ou o conformismo intelectual jamais chegam a ocultar totalmente” (MAFFESOLI, 2001, p. 41). Na errância cotidiana residiria o elemento instituidor que esfacelaria qualquer pretensão maléfica das camisas de força institucionais, e a sede do infinito abraçada pela pós-modernidade religaria circuitos “emperrados” pelos ideais de normatização modernos, reduzindo os limites estabelecidos e dando forma a um fenômeno silencioso de fluxo efervescente presente em todas as cabeças (ainda que o processo não se dê conscientemente). Oliveira (2007) fala de “corpos indisciplinados” que se dissociam de um suposto biopoder arraigado capilarmente em cada singularidade, invocando sinergias coletivas por meio de um leque de infinitas possibilidades. Dirigindo-se ao estudo das fissuras (ou linhas de fuga), a autora procura os pontos de escape, as dissonâncias e as novas agregações desveladas nas sociabilidades cotidianas, esfera onde a potência da vida se transmutaria em ação cultural.

Neste breve percurso teórico explanado até aqui, o ponto-chave campeado foi o da ascensão dos sujeitos nas tessituras dos estudos sobre o *everyday life*. Mattelart, A. e Mattelart, M. (2004) falam de um retorno ao “vivido”, onde a existência cotidiana (ou o micro) passa a ser reconfortante como objeto de estudo e os territórios pelos quais laços de proximidade são delineados permitiriam propiciar uma sensação de segurança, ao passo que as superabstrações reduziriam à impotência a influência de sujeitos nas estruturas sociais. Os autores, todavia, não desconsideram esquemas de poder em suas reflexões, sublinhando que “a recusa de sobrevalorizar a ‘estrutura’ pode ter seu reverso na utopia da autonomia da ‘resistência’” (MATTELART, A.; MATTELART, M., 2004, p. 107). Essa visão também é partilhada por Eagleton (1998, p. 49), que, ao tecer sua crítica aos pensadores do pós-modernismo, afirma que, no desespero em encontrar o tesouro da liberdade individual nos destroços de uma defasada e limitadora estrutura fundamentadora, os teóricos dessa corrente resistiriam em admitir um importante detalhe: o de que “mundo realmente aleatório não permaneceria parado tempo suficiente para eu me dar conta de minha liberdade, no sentido de tomar providências necessárias para levar adiante os projetos escolhidos. A liberdade exige limitação”.

São extremamente oportunas, então, as contribuições de Certeau (2000) em seu estudo do “ordinário” de uma cultura. Ainda que o autor

considere a existência de lugares controlados em certas instâncias sociais e com determinadas regras (ou restrições para uso), ele alega que, no fazer cotidiano, táticas são empregadas em espaços com o fim de se acomodar nesse lugar. Ou seja, utilizando uma alegoria do próprio Certeau, lembrada por Josgrilberg (2005, p. 79) – e que, embora dirigida para a questão linguística, é relevante também para os propósitos deste estudo – “o transeunte [...] caminha dentro da cidade planejada por um arquiteto determinando uma outra espacialidade, diferente daquela imaginada no projeto urbanístico”. Dessa forma, “espaços”, “lugares” e “táticas” não devem ser pensados isoladamente, mas, sim, em equilíbrio homeostático. Assim, como afirma Bretas (2006), o cotidiano é uma realidade multicultural que abrange vários saberes comuns. A autora retoma o pensamento de Agnes Heller (1992 *apud* BRETAS, 2006, p. 30) para situar que falar sobre o cotidiano “é mencionar um trabalho de construção do lugar do indivíduo no mundo, enquanto ser genérico e ser particular”. Comportando tanto a materialidade da existência quanto as redes de sentido subjetivas onde se engendram as redes de sociabilidade, “os modos comuns de dizer e fazer, vistos como práticas cotidianas, são formas que possibilitam processos identitários ao apresentarem regularidades e padrões compartilhados socialmente”. (BRETAS, 2006, p. 32)

É na importância dada as figuras singulares não dissociadas dos lugares pelos quais transitam que se esboçam algumas das dimensões das narrativas biográficas contemporâneas. Na transitoriedade, nos fluxos e nas distintas apropriações de espaço de múltiplos singulares foram desenhadas pontes que se articularam incessantemente, atribuindo sentidos às constantes instituídas. A biografia se tornou, então, espaço rico na apreensão de facetas desses intercâmbios cotidianos, não se limitando, em alguns casos, a acompanhar padrões ou mesmo cultivar/reprender um hedonismo autônomo do mundo social. Nas trilhas descampadas e nos mapas de múltiplos possíveis, afinaram-se os olhares para as dissonâncias entressachadas pelo denso caldo de subjetividade que recheia as visões características de indivíduos repletos de particularidades de fundo insondável. Mas nem sempre foi assim, como poderá ser visto a seguir.

Pequena trajetória das biografias

Esta rápida visita à seara histórica das narrativas biográficas permite pensar como o sujeito estabelece relações com as instâncias políticas, jurídicas, sociais, culturais, econômicas, dentre outras, e ainda como ele é enredado pelas inúmeras páginas que contam sua vida. O historiador Dosse (2009), considerando a hibridização do gênero (ou subgênero,

como preferem alguns), aponta três configurações biográficas possíveis de serem registradas historicamente, mas que não se apresentam de maneira sequencial, linear, ou seja, são passíveis de alternância entre os diversos períodos. Ele distingue, então, três modalidades: a idade heróica, a modal e a hermenêutica.

Os valores heroicos são chamados para compor a chamada idade heroica. O discurso das virtudes modelares é construído para compor esse sujeito da Antiguidade. “O gênero biográfico participa, pois, de um regime de historicidade no qual o futuro é a reprodução dos modelos existentes, que vem perpetuar-se” (DOSSE, 2009, p. 123). A biografia surgiu juntamente com o gênero histórico, ainda no século V a.C, mas foi na época helenística que a biografia, norteando-se como *bioi* (*bios*) – preocupada não só em traçar a vida, mas também a “maneira de viver” –, estabilizou-se, segundo Dosse (2009). O *Encomium* (elogio fúnebre) é um gênero bastante utilizado na Antiguidade e foi o modo como os biógrafos exortaram as qualidades morais de seus biografados – os indivíduos encarnados como exemplos de retidão moral, que tipificam os heróis dessa época. Sempre vestidos por suas funções sociais no campo da magistratura, do exército ou da política. Desse período, o nome que se destaca é o de Plutarco. O que importa para ele “é o confronto entre os imperativos de um mundo exterior e a maneira como o herói reage” (DOSSE, 2009, p. 131). A intriga como elemento gerador da narrativa biográfica, o que o leva a ser retomado no Renascimento e posteriormente no período das Luzes.

Dos valores heroicos, ainda nessa mesma época, para os valores religiosos com as histórias dos santos, escrita conhecida como “hagiografia”. Foi na Idade Média que a hagiografia tornou-se popular, com relatos mais preocupados em disseminar virtudes e valores morais do que relatar situações vividas pelos biografados (DOSSE, 2009). Entretanto, mesmo essa forma de biografia passou por nuances ao tratar do que poderia ser chamado de “santo de berço” para o “santo que se faz” no processo de conversão.

O processo de laicização ocorreu com as biografias cavaleirescas, que já apontavam para um processo de individualização que começou a ser desenhado no final da Idade Média. Mas foi na chamada Época Moderna, em especial a partir do século XVIII, que a figura do herói sofreu uma crise. Entrou em cena a figura do grande homem, que, diferente do herói, atuava de maneira mais consistente e não somente a partir de êxitos militares, portanto passíveis de serem modificados, mas de uma forma mais sólida. Assim raciocinavam os principais pensadores iluministas,

como afirma François Dosse ao dizer que “os êxitos militares (...) surgem como um legado efêmero em comparação com a solidez das obras e descobertas dos grandes homens, cujo trabalho pela humanidade é mais construtivo na edificação de um patrimônio cultural comum” (DOSSE, 2009, p. 167).

O final do século XIX e início do XX reservaram às biografias o que Dosse (2009) chamou de “modal” (ainda hoje amplamente produzida). É época em que se percebe o interesse pelas estruturas e instituições em detrimento do sujeito singular, retomado, em geral, como mera ilustração do âmbito social, como pode ser visto em diversas correntes teóricas, passando por Emile Durkheim e sua preocupação com o rigor do método sociológico, em que o ser humano “não passa de uma dependência do tipo coletivo, seguindo-lhe todos os movimentos” (DURKHEIM, 1967 *apud* DOSSE, 2009, p. 197), ou pelo movimento dos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, em especial a partir de 1929, com o lançamento da Revista dos *Annales* e a opção pelo estudo dos fenômenos de massa em detrimento dos estudos dos indivíduos na história. As ideias marxistas, também desenvolvidas nessa época, construíram um legado nessa mesma direção ao acenar que a estrutura da sociedade era determinante na constituição do sujeito.

A última configuração, proposta por Dosse (2009), é a chamada “Idade Hermenêutica”. Ele vai dizer que, na atualidade, muitas das biografias produzidas abriram um campo maior para a reflexividade, sendo mais sensíveis as singularidades desse eu subjetivado. Os modelos ou as atitudes modelares tiveram seu espaço reduzido. A vida não podia mais ser acionada por enquadramentos coletivos como a classe ou o partido, dentre outros (AVELAR, 2012). É a partir dessa possibilidade hermenêutica que uma nova narrativa pode sugerir que o biógrafo também se deixe entrever no texto, e é isso que será discutido a seguir.

O repórter e o método biográfico

Ao refletir sobre o discurso das mídias, Charaudeau (2006, p. 87) argumenta que há uma constante tensão no contrato estabelecido entre produção e recepção, já que a mídia sofre o desafio de parecer crível em suas informações cotidianas: “A visada de informação consiste em fazer saber ao cidadão o que aconteceu ou o que está acontecendo no mundo da vida social”. Nesse processo, a mídia opera com conceitos como a “verdade” dos fatos sociais. O que provoca, portanto, a necessidade de provar, de demonstrar aquilo que se “informa” por meio de entrevistas, pesquisas, depoimentos, imagens, sons, dentre outros. Paradoxalmente,

ela também precisa atingir o maior número de pessoas, o que requer a adoção de mecanismos de aproximação com esse mesmo público, o que pode ser facilitado pelo apelo emotivo das mensagens dramáticas que primam pela audiência. Razão e emoção combinam-se nessa instância pública, com o devido cuidado para a não exacerbação, dado que as mídias trafegam “entre esses dois polos ao sabor de sua ideologia e da natureza dos acontecimentos”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 93)

Se o jornalismo se pauta por aquilo que é passível de verificação, embora não desconsidere o imaginário coletivo por conta da audiência, como pode, em suas técnicas corporativas, construir este sujeito, que, como discutido acima, surge em suas múltiplas dimensões na sociedade contemporânea? O suporte mais adequado para essa distensão pode ser o do livro e o do documentário, já que na pauta midiática hegemônica a angulação *massa* e a *grupala*² prevalecem por razões mercadológicas.

O Brasil conhece, em especial a partir da década de 1990, um vertiginoso crescimento editorial de biografias escritas por jornalistas. Nomes consagrados pelos altos índices de vendagem, como Ruy Castro, Fernando Morais, Jorge Caldeira, José Castello, dentre outros, colocam à disposição do leitor histórias sobre a vida de inúmeros personagens brasileiros, como Nelson Rodrigues, Vinícius de Morais, Assis Chateaubriand, João Cabral de Melo Neto, Barão de Mauá, dentre tantos outros, que são impressos, literalmente, na história contemporânea.

Nos marcos deste texto não há como avaliar toda essa produção, justificativa que se utiliza para focar a discussão em um autor-jornalista chamado José Castello, que, em suas produções biográficas, acaba por mostrar as idiosincrasias do biógrafo e do biografado. Antes, mesmo que *an passant*, pode-se colocar na berlinda a suspeição exposta por Pena (2006), que, ao discutir as biografias produzidas por alguns desses profissionais seguidores de uma lógica linear coerente e estabilizadora, questiona a utilização de referenciais epistemológicos que primam pela tentativa de reconstituir o real em sua plenitude como se isso fosse possível. Ele argumenta de maneira categórica:

Não acredito, conforme defende a lógica jornalística, que seja possível construir histórias e identidades com coerência e estabilidade numa época em que a realidade se apresenta em formas múltiplas e desconexas, deixando clara a sua complexidade. Não acredito que seja possível escrever biografias como relatos cronológicos de acontecimentos com significado e direção. (PENA, 2006, p. 71)

2 Medina (1978) define três níveis de angulação: o *grupala*, em geral, definido a partir dos interesses da empresa; o *massa*, pensados mais a partir da audiência; e o *pessoal*, mais centrado na valorização do comentarista reconhecido pelo público.

Os jornalistas biógrafos que encaram seu trabalho como aquele produzido por artífices do real, que promovem a estabilidade e a continuidade como elementos configurantes da construção do sujeito, esforçam-se por demonstrar que “tudo é uma questão de esforço, de ouvir fontes e mais fontes, de reunir mais e mais documentos, de fazer mais e mais entrevistas, mais e mais perguntas. E, então, um dia, como um tesouro que se desenterra, a biografia verdadeira surge!” (CASTELLO, 2007, p. 168-169)

Caminho inverso, então, é seguido pelo próprio José Castello. Ele, que escreveu duas biografias, a de Vinícius de Moraes (1994) e a João Cabral de Melo Neto (2006), dentre inúmeros perfis, prefere buscar as “sombras” (1999) de seus biografados e perfilados do que aquilo que é visível, tangível. Na reconstituição da história de vida dos sujeitos prevalecem as indeterminações, as discontinuidades e os conflitos. Em seu livro *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma*, em especial na segunda versão, publicada em 2006, o jornalista acrescenta o que ele denomina *Diário de tudo*, em que relata suas impressões dos 21 encontros que manteve com o poeta entre março de 1991 e abril de 1992. Ao possibilitar a socialização do processo de produção dessa biografia, Castello levanta algumas questões de caráter metodológico que ajudam a pensar sobre os procedimentos utilizados para a composição dessa obra. A transparência do processo de produção jornalística aparece como um elemento democratizador do campo jornalístico (MAIA, 2008), dado que os receptores, aqui entendidos como leitores, telespectadores, ouvintes e internautas, podem desnudar esse fazer jornalístico, antes prerrogativa exclusiva de profissionais da área. É o biógrafo, quando aparece na obra, tornando-se assim um “autor-mediador”, nas palavras da pesquisadora Medina (2003), despe-se de uma carcaça profissional estigmatizante, que o impossibilita de ir além do que se denomina factual.

Em uma das inúmeras entrevistas realizadas com João Cabral de Melo Neto, Castello (2006, p. 250) escreve, em seu *Diário de tudo*, que, ao perceber a “felicidade” do poeta em um dos encontros, recebe uma resposta que vem como um petardo e o ajuda a refletir sobre os limites da ação jornalística objetivante:

Que nada, é um engano seu. Comigo as coisas se passam assim: quando estou com a aparência boa, é porque estou mal, deprimido, devastado pela angústia. Quando me dizem que estou abatido, que não pareço bem, é porque, aí sim, por dentro estou bem. A aparência comigo nunca funciona.

Ao deixar de etiquetar o real e participar da narrativa, o biógrafo jornalista rompe com um dos cânones profissionais do jornalismo: o distanciamento. Desse modo, aproxima-se do sujeito de maneira a escavar sua vida não de maneira intrusiva, mas como uma forma de tentar compreendê-lo, de tentar se compreender, como expõe Castello (2007, p. 166) ao apresentar e discutir algumas das dificuldades durante o processo de produção de uma biografia:

Estas privações, estes pontos que não conseguimos ultrapassar, estes limites não são impostos só pelo biografado, esteja ele vivo ou morto, mas também, e, sobretudo, pelo próprio biógrafo. Apontam, sobretudo, para as limitações daquele que escreve.

Ao se perceber como “parte” constituinte desse processo, o jornalista biógrafo, que se questiona, assume sua perspectiva de ouvinte e deve (re)pensar-se nesse contexto, pois é importante que ele reconheça que existe um “outro”, que pode pensar diferente, que pode fugir da visão dualista do certo e do errado e levantar questões diferentes daquelas que estão em pauta. Se o repórter não consegue tentar entender quem é o outro nesse processo, corre o risco de tornar-se um ser “asséptico”, desprovido de sua própria humanidade. Nas palavras de Castello (2007, p. 167) “ao biógrafo resta, antes de tudo saber escutar. Silenciar à espera do que está oculto, mesmo sabendo que o que está oculto nem sempre se manifesta”.

A dimensão da memória, embora não sendo objeto de estudo específico neste trabalho, também representa um aspecto peculiar no processo de construção de biografias, já que os sistemas de interpretação podem ser alternados constantemente, levando em consideração as mudanças que todo ser humano enfrenta no decurso de uma vida (BERGER, 1976). Nesse sentido, não se pode buscar uma biografia clara e assertiva de uma vida que pode ser reinterpretada, senão a qualquer momento, mas ao menos em algumas fases de rupturas.

Conclusão

José Castello sabe do papel que sua subjetividade possui como elemento de ligação entre os tijolos do indivíduo o qual se tornará seu biografado, e não a esconde. O autor se dissocia da ideia de transmissibilidade da informação expondo, de antemão (e passo a passo), seus encontros e desencontros com o real. Na biografia de João Cabral de Melo Neto, logo na introdução, o jornalista já antecipa, em tom de

desconfiança: “Entrevistar um poeta: nada, a princípio, mais impróprio e pouco recomendável [...] Nada mais distante da poesia do que [...] o pedido intermitente de objetividade, o desejo de clareza que vigoram em uma entrevista” (CASTELLO, 2006, p. 15). Se, por um momento, José Castello alimenta a possibilidade de unir este mundo da objetividade com a poesia, dado o fato de João Cabral ser chamado de “o poeta do concreto”, suas esperanças tornam-se enfumaçadas, uma vez que o homem ao qual ele esperava como figura afinada aos liames de sua própria obra se projeta como figura dissonante.

O biógrafo, então, assume-se em sua qualidade de náufrago, ancorado, juntamente ao poeta, na “tábua de salvação” (CASTELLO, 2006, p. 18) do concreto e em busca da matéria. Percalços revelados, sombras não dadas como escusas às luzes do “real” transfigurado em papel, pelo contrário, é esse ambíguo que caracteriza as potencialidades narrativas de seu livro, no movimento de diálogo constante que se dá entre os múltiplos autores: aquele que “institui” um lugar de ação, o narrador-personagem que se descobre num *devoir* constante pela obra – viajando nos mares profundos das histórias do poeta, e o entrevistador alocado num tempo de inscrição passado – e que se tornará, também, o espectador em interlocução com as próprias anotações, matéria-prima de seu *Diário de tudo, making of* do tempo circunscrito cronologicamente nas entrevistas com João Cabral de Melo Neto.

Ao refletir sobre sua produção científica baseando-se na sua autobiografia, Morin (1997, p. 201) demonstra que as ideias têm uma relação direta com o que ocorre à sua volta e com as opções político-culturais de cada indivíduo: “O conhecimento é sempre tradução e construção [...]; toda observação e toda concepção devem incluir o conhecimento do observador que concebe. Não há conhecimento sem autoconhecimento”. Nesse sentido, quando o jornalista esclarece suas contradições e limites, está admitindo, também, que a biografia é construída por opções e seleções e que a subjetividade permeia toda a obra produzida.

Mais que isso, o jornalista biógrafo, ao contar a vida de um sujeito, deve levar em consideração que a compreensão do passado, de acordo com Berger (1976), depende de pontos de vista; então, dificilmente as biografias podem ser encaixadas em sistemas homogêneos, dotados de uma coerência certa. A complexidade não somente como uma máxima a ser seguida, mas como uma forma de nuançar a vida com facetas menos unilaterais e mais polissêmicas.

Subjectivities brought into focus in José Castello's biographical journalism

Abstract

*This article discusses the possibilities that open up for the production of biographies written by modern journalists. It provides a conceptual retrospect on some of the traits that make up the subject nowadays, as well as the prospects of a break with one of the canons of journalism: the notion of impersonal transmissibility. This standard of professional conduct is rooted in the notion of language as a code, with the journalist acting merely as a transmitter of events. As biographical construction involves many aspects, including the relationships between space and time and between narrative and memory, this work makes a content review on the authorial presence of the biographer-journalist in constructing his work, with a focus on the narrative undertaken by journalist and literary critic José Castello, in his work *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo* (2006).*

Keywords: *Biographies. Journalism. Subject. Subjectivity.*

Referências

AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita biográfica, escrita da história: das possibilidades de sentido. In: _____; SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. Do acontecer: tipologias do acontecimento jornalístico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7, São Paulo, 2009. *Anais da SBPfor*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. p. 1-16.

BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas*. 2. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

BRETAS, Beatriz. Interações cotidianas. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (Org.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CASTELLO, José. *A literatura na poltrona: jornalismo literário em tempos instáveis*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CASTELLO, José. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2009.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GULLAR, Ferreira. *Toda poesia (1950-1999)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- JOSGRILBERG, Fábio B. *Cotidiano e invenção: Os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo: Escrituras, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MAIA, Marta R. The rule of transparency: as an element of democratization in the journalism production process. *Brazilian Journalism Research*, v. 4, n. 2, 2 sem. 2008.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *Pensar as mídias*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Alfa Omega, 1978.
- MORIN, Edgar. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- OLIVEIRA, Lúcia M. B. *Corpos indisciplinados: ação cultural em tempos de biopolítica*. São Paulo: Beca, 2007.
- PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Enviado em 15 de março de 2013.

Aceito em 25 de abril de 2013.